

O TRABALHO DOCENTE NO RN: TENDÊNCIAS E CONTRADIÇÕES

Fabiana Erica de Brito
fabiana.ericadebrito@hotmail.com (UFRN)

GT 04

O TRABALHO DOCENTE NO RN: TENDÊNCIAS E CONTRADIÇÕES

Fabiana Erica de Brito
fabiana.ericadebrito@hotmail.com (UFRN)

Para entender o trabalho docente na atualidade é necessário compreender que este trabalho é uma profissão com características próprias, específicas e particulares, que faz parte de um processo histórico e cultural. A natureza do trabalho docente se encontra vinculada à divisão social do trabalho. Ao buscar as relações da escola, mais especificamente do trabalho docente, com a totalidade das mudanças ocorridas pretendemos entender o contexto onde se desenvolve o trabalho do professor a fim de avançar na compreensão de sua natureza, entendida aqui, como sinônimo de aspectos essenciais de seu trabalho.

Na sociedade capitalista o trabalho docente pode ser analisado como qualquer outro tipo de trabalho, trazendo implícito na sua realização as divisões e fragmentações próprias do trabalho parcelado. Dessa forma, podemos considerar que o trabalho docente é parte da totalidade constituída pelo trabalho no capitalismo, estando submetido, portanto, à sua lógica e às suas contradições. Dentro dessa perspectiva a docência pode ser analisada como qualquer outro trabalho humano.

Assim entende-se que a análise do trabalho docente extrapolar a análise de procedimentos e técnicas pedagógicas, isto porque embora a escola não tenha a finalidade de produzir mercadorias não está alheio de suas influências. Nesse sentido para entendermos o trabalho docente é necessário compreender que o mesmo se institucionaliza a partir de várias dimensões, ou seja, a organização, os sujeitos, os objetos, os processos os conhecimentos, as tecnologias e os seus resultados.

O presente trabalho está estruturado em três momentos, onde o primeiro discute a reconfiguração do trabalho docente em contextos de acumulação flexível e repercussões no trabalho docente, o segundo apresenta alguns dados do trabalho docente no RN, priorizando a dimensão do uso das novas tecnologias e por fim algumas considerações.

1.1 A reconfiguração do trabalho em contextos de acumulação flexível repercussões no trabalho docente

Com o advento de um mundo industrializado e o seu desenvolvimento a partir de 1980 referenciado em novas bases e centrado principalmente no desenvolvimento das tecnologias da comunicação e da informação, presenciou-se nos países do capitalismo avançado o desenvolvimento de uma nova ordem social e econômica, que tem contribuído para a reconfiguração do trabalho, fazendo com que o mesmo ganhe novas formas e sentidos.

A invasão da tecnologia no processo de trabalho, não é algo novo já que é possível identificar em todas as etapas da história da humanidade. A tecnologia sempre teve uma contribuição importante nas transformações ocorridas em todos os campos das atividades humanas. Segundo Lauande e Castro (2009) a evolução da tecnologia determinou em grande parte a capacidade produtiva da sociedade e os padrões de vida, bem como formas sociais de organização econômica.

No século XX, o desenvolvimento acelerado da eletrônica, da tecnologia digital e dos microprocessadores propiciou avanços em quase todas as áreas de conhecimento, nos processos de produção, nos métodos de comunicação, entre outros. Nesse contexto, emerge o padrão de produção vigente, o modelo taylorista/fordista baseado na rigidez dos processos cede lugar a uma nova forma de produção denominada de acumulação flexível, do qual o toyotismo é sua principal expressão. Este por sua vez apresenta uma produção atrelada à demanda visando atender a exigências individualizadas; o trabalho é organizado em equipes; um operário opera várias máquinas; o tempo de trabalho deve ser aproveitado ao máximo; apresenta sua estrutura de forma horizontalizada; implantação do emprego vitalício (ANTUNES, 2009), baseando-se nessa lógica tem-se um modelo que propicia ao trabalhador uma produção com alto índice de intensificação e conseqüentemente uma elevada extração de mais valia.

As transformações tornam cada vez mais visíveis, visto que, o trabalho pautado na acumulação flexível do capital tem como uma de suas características a flexibilização, isso porque este modelo privilegia programas de “qualidade total” fundados na constituição de um trabalhador polivalente, multifuncional, integrado ao processo produtivo, livre para dele participar e nele interferir (PERES s/d).

A nova base material da produção cria as condições necessárias para que o processo de trabalho se modifique e passe a exigir uma produção de conhecimento cada vez maior e mais rápida, mais flexível, atingindo todos os setores sociais. É consenso entre os estudiosos da temática que a microeletrônica modificou radicalmente as práticas produtivas, substituiu a mão-de-obra por equipamentos automatizados como robôs e controle numérico, aumentou o conteúdo tecnológico dos produtos e introduziu uma trajetória inovadora.

Esse novo modelo de produzir acaba por determinar novos rumos para as políticas educacionais, que evidenciam a necessidade de se adotar novos paradigmas para atender a contento as demandas dos setores produtivos, o que traz para os educadores de hoje um grande desafio: enfrentar a rapidez e a intensidade das mudanças, além da necessidade de aprender a conviver com estruturas de diferentes épocas que continuam presentes na sua formação e nas suas atividades.

Machado (1994) ao analisar o modelo de automação flexível e sua conseqüência para a força de trabalho, esclarece que um novo perfil de qualificação é definido para o trabalhador, exigindo: escolaridade básica, capacidade de adaptação a novas situações, compreensão de tarefas complexas, atenção e responsabilidade, atitude de abertura para novas aprendizagens, criatividade e capacidade de comunicação grupal. A mudança da base eletrônica para a base microeletrônica passa a exigir o desenvolvimento de habilidades cognitivas e comportamentais, próprias de serem adquiridas nas escolas, tais como: análise, síntese, criatividade, raciocínio lógico, interpretação e uso de diferentes formas de linguagem, necessárias para adaptação dos jovens às variações de funções que passaram a compor o mundo do trabalho.

Hoje em dia são múltiplos os papéis para os quais a escola é chamada a desempenhar. Além das suas funções normais, é chamada também a se relacionar com a comunidade, a gerir e organizar recursos e informações educativas, projetos, enfim, é ampliado seu leque de atuações. Se a escola, como organização, tem de desempenhar todas essas funções, os professores, como recursos humanos inseridos nesse contexto, são os principais agentes dessas funções. Esse fato passa a demandar uma educação de novo tipo, e um novo perfil de professor que repercute diretamente no trabalho docente resultando em sua precarização e na intensificação desse trabalho.

Segundo Oliveira (2004) o professor, diante das variadas funções que a escola pública assume, tem de responder a exigências que estão além de sua formação, para a autora o trabalho docente não é definido mais apenas como atividade em sala de aula, ele agora compreende a gestão da escola no que se refere à dedicação dos professores ao planejamento, à elaboração de projetos, à discussão coletiva do currículo e da avaliação. Essas novas exigências mudam a configuração do trabalho docente na escola. Semelhante às novas exigências do processo produtivo o professor é agora responsável por múltiplas funções que ele pode desempenhar de forma mais participativa e flexível.

Diante das condições que o trabalho docente vem sendo desenvolvido e cobrado Pine e Melo (2011) constatam que

no Brasil, o trabalho docente tem adquirido uma considerável complexidade nas últimas décadas devido às transformações advindas das novas políticas educacionais, que implicam mudanças na organização escolar e, portanto, do trabalho escolar. Através de normas, as novas políticas educacionais - com frequência de caráter impositivo - estão colocando os docentes diante de novas situações no trabalho que refletem novas demandas e necessidades e acarretam a ampliação do trabalho para além da condução das aulas e atividades relacionadas, sem que sejam oferecidas as condições de trabalho adequadas para tal.(p. 56-57)

A necessidade de melhor qualificação da força de trabalho torna-se evidente a cada dia e isto identifica-se também como um dos paradoxos do modelo de acumulação flexível, que quanto mais se simplificam as tarefas, mais conhecimento se exige do trabalhador e, em decorrência, aumenta o seu processo de escolaridade, levando-o a uma formação permanente. Essas novas exigências trazem conseqüências para a função da escola e principalmente para o professor, enquanto um dos principais agentes do processo formativo.

2. O trabalho docente no RN: Uma análise a partir do uso das tecnologias

As mudanças que ocorreram na sociedade passaram a modificar o cotidiano dos professores acarretando modificações na realização do trabalho. Assim, com o objetivo de conhecer e analisar o trabalho docente nas suas dimensões constitutivas, identificando seus atores, o que fazem e em que condições realizam suas atividades nas escolas de Educação Básica no Brasil, foi realizada no Brasil a pesquisa "Trabalho docente na educação básica no Brasil", se constitui em uma pesquisa do tipo "survey" e foi realizada, em 2009/2010, por iniciativa da REDE GESTRADO, em sete estados brasileiros (MG, PA, RN, GO, ES, PR, SC). O Estado do Rio Grande do Norte, foi um dos participantes da pesquisa. Para a amostra foram selecionados os seguintes municípios: Natal com 669 entrevistados; Macaíba com 111 entrevistados, Currais Novos com 98, Ceará-Mirim com 60 e Canguaretama com 18 docentes

entrevistados. No geral foram entrevistados 956 docentes, distribuídos da seguinte forma 558 docentes da rede municipal, 373 da rede estadual e 25 docentes da rede conveniada.

2.1 Uso das novas tecnologias no trabalho docente do RN

Na atualidade não se questiona mais a necessidade do uso da tecnologia na educação, uma vez que ela está presente em todas as atividades cotidianas. As ferramentas tecnológicas estão disponíveis e poderão ser utilizadas na construção de uma nova ordem social, ou na manutenção da ordem existente. Portanto cabe ao professor ter a competência necessária para fazer uma leitura crítica em torno desse tema. É necessário ter clareza de que não há milagres tecnológicos em educação; ela deve ser vista como parte de uma complexa e persistente conjugação de esforços de alunos, professores e meios tecnológicos em busca de maior eficácia dos serviços educativos.

O conceito de tecnologia educacional mais frequentemente tem servido apenas para viabilizar a eficiência dos sistemas educacionais, sem entrar no mérito das questões, procurando mostrar a exequibilidade de se promover a “igualdade de oportunidades educacionais”, numerosamente através da manipulação de estratégias de ensino e sem reconhecer a preeminência de outras variáveis, quer de caráter genérico, quer de caráter social, que maior influência exercem sobre tais variáveis.

A utilização dos inúmeros recursos tecnológicos contribuiu para dar novos impulsos e dinamicidade ao processo educativo. Em nossas relações cotidianas não podemos deixar de sentir que as tecnologias - velhas, como a escrita ou novas, como as agendas eletrônicas - transformam o modo como nós dispomos, compreendemos e representamos o tempo e o espaço à nossa volta. No que se refere ao seu uso como apoio ao trabalho pedagógico do professor, é possível dizer que as tecnologias redimensionaram o espaço da sala de aula pela possibilidade de acesso a outros locais de aprendizagem como (bibliotecas, museus, centros de pesquisas, outras escolas), modificaram também as rotinas e o próprio espaço físico da sala de aula.

O uso das tecnologias de comunicação e informação, em especial o uso da informática nas escolas, deverá auxiliar no processo de ensino aprendizagem, já que familiariza o aluno aos computadores e incorpora ferramentas ao aprendizado de outras disciplinas. Segundo Tigre (1999, p.99-100), “a interferência do governo para criar condições de acesso às tecnologias de informação em classes menos favorecidas é fundamental para reduzir a exclusão social e democratizar as oportunidades de emprego”. No entanto, vale ressaltar que a inserção das tecnologias nas escolas deve ocorrer ao lado de cursos de formação, para que o professor possa dominar o saber relativo a seu benefício, tendo clareza de como integrá-las ao processo educativo. Nesse contexto,

Consideramos que as tecnologias merecem estar presentes no cotidiano escolar, primeiramente porque estão presentes na vida, mas também para: a) diversificar as formas de produzir e apropriar-se do conhecimento; b) serem estudadas como objeto e como meio de se chegar ao conhecimento, já que trazem embutidas em si mensagens e um papel social importante; c) permitir aos alunos, através da utilização da diversidade de meios, familiarizarem-se com a gama de tecnologias existentes na sociedade; d) serem desmistificadas e democratizadas; e) dinamizar o trabalho pedagógico; f) desenvolver a leitura crítica; g) ser parte integrante do processo que permite a expressão e troca dos diferentes saberes. Para isso o professor deve ter clareza do papel

das tecnologias como instrumentos que ajudam a construir a forma de o aluno pensar, encarar o mundo e aprender a lidar com elas como ferramentas de trabalho e se posicionar na relação com elas e com o mundo. (LEITE, et al, 2004, p.15-16)

Nos dias atuais é necessária uma educação escolar voltada às necessidades e exigências da sociedade atual. Neste sentido, deve-se destacar a inserção tecnológica nos diversos trâmites de nossas vidas. Além disso as exigências do mercado de trabalho interferem na política pedagógica, e este mercado, por sua vez, encontra-se permeado de inovações tecnológicas, necessitando assim, de pessoas aptas a manuseá-las.

No entanto vale destacar que a inserção das tecnologias no ambiente escolar foi motivo de muita discussão e marcada por muitos problemas. Como mostra o autor,

(...) a falta de planejamento, o despreparo dos profissionais e a ausência de ações governamentais para introduzi-las no cotidiano da Escola são alguns exemplos desses problemas. Na verdade, trata-se de um modelo importado dos EUA, tanto de *hardware* quanto de *software*, mas principalmente de teorias psicológicas, como também metodológicas (instrução e não de construção). (GOMES, 2005, p.4)

A inserção de tecnologias de informação e comunicação, no ambiente escolar favorece a proximidade entre a educação e a comunicação. Nesse sentido, é viável dar importância ao ato de produzir e receber criticamente as mensagens audiovisuais lançadas pelos meios, mas deve-se estar atendo a forma como esses recursos estão se inserido nas escolas.

Dessa forma a escola passa a ser novamente desafiada haja vista que esta deve assegurar a todos uma formação cultural e científica, que sirva para vida pessoal, cidadã e profissional, oferecendo meios para que se adquira uma relação autônoma, crítica e construtiva. Além disso, é papel da escola promover a aproximação do aluno com a ciência & tecnologia, a socialização do saber e da cultura produzida no meio em que está inserida.

Nessa perspectiva, as pessoas precisam estar preparadas para aprender ao longo da vida, podendo intervir e adapta-se a novos modelos de sociedade. Isto porque as exigências da economia globalizada afetam, também, a formação dos profissionais das diversas áreas do conhecimento. Assim, faz-se urgente um novo modelo de ensino, de professor e de escola, ambos entrelaçados, visando obter um único objetivo, a formação humana crítica e social.

Oliveira (2008, p.35) corrobora o argumento quando diz que

não há como negar que as mudanças que o mundo passou a viver nas últimas décadas do século XX apontam para novas formas de organização da produção, do trabalho, da vida econômica e, conseqüentemente, da educação escolar.

Nesse sentido, é possível afirmar que o novo modelo de escola deve pautar-se pela busca de um planejamento educacional, onde possa transformar-se em um local de construção do conhecimento e de socialização do saber. Em decorrência disso, torna-se obvio falar da valorização do papel do professor, peça bastante significativa no processo de ensino e aprendizagem.

Ao se deparar com as tecnologias de comunicação e informação na escola o professor não deverá demonstrar resistências e sim, capacitar-se para usufruir, junto com seus alunos, dos benefícios que esses recursos podem oferecer, a partir do que ocorrerá trocas de experiências e de conhecimento bem mais consistentes. Isto porque, em se tratando da tecnologia, e válido admitirmos que seu uso não é autônomo, precisa do homem para justificá-la e mediá-la. Na educação, o papel do professor como mediador da aprendizagem faz-se importante, já que nesse processo de uso de recursos tecnológicos, é essencial a definição de uma metodologia de uso e de interação permanente.

Dessa forma, há importância de se utilizar com competência e com capacidade crítica os recursos tecnológicos na escola. Além de uma boa formação do professor para usar corretamente os recursos é necessário que as escolas da educação básica tenham bons equipamentos para que os alunos possam usufruir de todas as potencialidades que são permitidas. Ao analisar os dados do Rio Grande do Norte no âmbito da pesquisa Trabalho Docente na Educação Básica no Brasil, evidenciamos que, apenas 71 (7,4%) dos docentes da educação básica no RN considera as condições dos equipamentos (TV, vídeo, som, entre outros) excelente; 488 (51%) considera boa; 296 (31%) considera regular; 83 (8,7%) considera ruim; 11 (1,2%) não se aplica (este dado corresponde as escolas que não dispõe dos equipamentos de TV, vídeo, som, entre outros), 05 (0,5%) não soube responder e 02 (0,2%) não respondeu.

Quanto às condições da sala de informática nas escolas, a referida pesquisa nos mostra ainda que 51 (5,3%) dos docentes considera a sala de informática como excelente; 275 (28,8%) considera como boa, 169 (17,7%) considera como regular, 86 (9,0%) considera como ruim, 310 (32,4%) não se aplica (esse dado corresponde as escolas que não dispõe desse tipo de sala), 63 (6,6%) respondeu que não sabia e 2 (0,2%) não respondeu. Embora já se tenha uma sociedade da informática, a pesquisa nos mostra que ainda existe um grande numero de escolas a margem do processo de informatização.

Nesse sentido é preocupante também que os docentes da escola básica do RN em início de carreira, quando perguntados como se sentiam quanto ao uso das tecnologias em sua sala de aula, apenas 43 (4,5 %) respondeu que se achavam muito preparados para a utilização dessas tecnologias; 185 (19,4%) sentiam-se preparados; 277 (29,8%) sentiam-se razoavelmente preparado; a grande maioria 302 (31,6%) sentia-se despreparados para lidar com a tecnologia, 147 (15,4%) não se aplica a pergunta, isto porque nunca utilizaram a informática em sala de aula e 02 (0,2%) não soube responder. Esse quadro tem uma repercussão direta no uso das tecnologias como apoio às atividades do docente, pois como não se sentem preparados para usar os recursos é natural que os professores procurem utilizar outros meios com os quais estão mais acostumados. Dessa forma, os dados são reveladores dessa tendência. Quando foi perguntado se utiliza as novas tecnologias para apoiar suas atividades, 196 (20,5%) informaram que não utiliza as tecnologias; 402 (42,1%) responderam que sim; não se aplica 356 (37,2%); não respondeu 02 (0,2%).

Os dados da pesquisa nos mostram que apesar dos estudos da temática apontarem as vantagens do uso das tecnologias no cotidiano escolar e de que as políticas governamentais já tenham desencadeado ações para viabilizar uma aplicabilidade mais expressiva desses recursos como apoio à atividade do professor, a realidade da escola norterriograndense ainda é muito carente de equipamentos, laboratórios de informática e professores capacitados para o seu, essa situação tem acentuado o descompasso existente as escolas que se utilizam com

propriedade desses recursos e as escolas públicas que têm dificuldades técnicas e operacionais de acompanhar o desenvolvimento requerido pelas sociedades atuais.

Considerações finais

A análise do trabalho docente ultrapassa a análise de técnicas e procedimentos pedagógicos, do conhecimento como fonte do trabalho e da relação professor-aluno e que na sua configuração deve ser considerado que embora a escola não produza mercadorias, e por isso não seja possível falar em paridade entre escola e produção, as relações sociais capitalistas e sua lógica organizativa se estenderam a todas atividades sociais existentes, inclusive à escola.

Por isso para entendermos o trabalho docente é necessário compreender que o mesmo se institucionaliza a partir de várias dimensões, ou seja, a organização, os sujeitos, os objetos, os processos os conhecimentos, as tecnologias e os seus resultados. Nesse sentido, têm sido observadas nos últimos anos novas formas de organização do trabalho docente consequência de reformas implantadas, as quais indicam que o sistema escolar passa a incorporar um modelo de regulação educativa diante de um mundo globalizado.

As exigências e responsabilidades direcionadas aos sistemas de ensino público principalmente a partir da década de 1990, acabam por repercutir diretamente no trabalho realizado pelos gestores, professores, supervisores entre outros que encontram-se inseridos no processo de ensino e aprendizagem. Com o desenvolvimento das tecnologias novas exigências são postas as docentes já que precisam utilizar com eficiência os recursos tecnológicos no apoio ao processo de ensino-aprendizagem.

Na atualidade, o contexto sócio-cultural atual acaba por suscitar grandes preocupações e incertezas aos educadores e educandos: aos professores, que acabam cumprindo ordens advindas de instâncias superiores, cumprindo tarefas muitas vezes sem muita segurança, chegando mesmo a se sentirem desvalorizados profissionalmente, passando a ser encarados como pessoas que estão nas salas de aulas para testarem o que foi novamente mudado. E aos alunos, que são submetidos a um processo de formação educacional sem qualidade, sem sintonia com as demandas da vida social, sobretudo sem a formação do espírito crítico necessário a uma vida cidadã autônoma e ativa no meio social.

Portanto, muitas das características de formação e condições do trabalho docente, estão presentes no cenário educacional público em âmbito nacional, o qual precisam ser reivindicados no conjunto, assim, devem estar envolvidas condições de possíveis melhorias no processo de ensino-aprendizagem e outras que se fizerem necessárias. Quanto ao Rio Grande do Norte a pesquisa desenvolvida procurou evidenciar as condições profissionais e conhecer as reais condições das salas de informática, dos equipamentos tecnológicos levando em consideração as atuais demandas da sociedade. As análises evidenciam que o trabalho docente na educação básica no RN sofre influências das mudanças no mundo do trabalho, se realiza em condições deficitárias e os docentes não se acham preparados para o uso dos recursos tecnológicos.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2 ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

CASTRO, Alda Maria Duarte Araújo Castro; LAUANDE, Maria de Fátima R. F. Formação de professores da educação básica em nível superior: uma exigência da sociedade da comunicação e da informação. In: CHAVES, Vera Lúcia Jacob; CABRAL NETO, Antônio; NASCIMENTO, Ilma Vieira. **Políticas para a educação superior no Brasil: velhos temas e novos desafios**. São Paulo, Xamã, 2009.

GOMES, Apuena Vieira. et al. **A Trajetória da Informática na Educação - Aula 15**. Natal, RN: EDUFRN, 2005.

LEITE, Lígia Leite (org.). **Tecnologia educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. Mudanças tecnológicas e a educação da classe trabalhadora. *Educação e Trabalho*. Campinas: Papyrus, 1994. (Coletânea).

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A Reestruturação do Trabalho Docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, n.89, 2004.v.25

OLIVEIRA, Dalila Andrade. O trabalho docente na América Latina: identidade e profissionalização. In: **Revista Retratos da Escola - Formação de professores: impasses e perspectivas**. Brasília, v. 2. n. 2/3, p. 29-40, jan./ dez. 2008.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; VIEIRA, Livia M^a Fraga (coordenadoras nacionais). Pesquisa “**Trabalho docente na educação básica no Brasil**”. Sinopse do survey nacional. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: http://trabalhodocente.net.br/relatorio_sinopse.pdf. Acesso: 12 de Maio de 2012.

PERES, Marcos Augusto de Castro. **Do taylorismo/fordismo à acumulação flexível toyotista: novos paradigmas e velhos dilemmas**. Faculdades Unopec. s/d. Disponível em: http://cesarmangolin.files.wordpress.com/2010/02/taylorismo_e_fordismo_toyotismo1.pdf. Acesso: 03 de Maio 2012.

PINI, Mônica Eva; MELO, Savana Diniz G. Argentina e Brasil: mudanças e contradições nas políticas educacionais. In. **Políticas educacionais e trabalho docente: perspectiva comparada**. OLIVEIRA, Dalila A.; PINI, Mônica Eva; FELDFEBER, Myriam (Orgs.). Belo Horizonte, MG: Fino Traço, p. 11-24, 2001.

TIGRE, Paulo Bastos. Comércio Eletrônico e Globalização: desafios para o Brasil. In: LASTRES, Helena M. M.; ALBAGLI, Sarita (Orgs.). **Informação e Globalização na Era do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999, p. 84-104.

